

*Fazendo
movimentos
sociais*



FAZENDO MOVIMENTOS SOCIAIS

RESUMO

Conferência realizada no Congresso Making Social Movements. The British Marxist Historians and the Study of Social Movements. Dorothy Thompson relata sua própria experiência como parte do Grupo dos Historiadores do Partido Comunista da Grã-Bretanha no período posterior à Segunda Guerra Mundial. A partir de suas lembranças, a autora comenta a historiografia produzida por este grupo e as interlocuções estabelecidas com as Ciências Sociais do período.

PALAVRAS-CHAVE

Marxismo; História social; Comunismo; Movimentos sociais

Este não é um artigo acadêmico. Estou nesta conferência por causa do meu interesse no tema e porque fui membro — acho que fundador — do Grupo de Historiadores do Partido Comunista da Grã-Bretanha (GHPCCB). Com certeza estive integrada nele desde, mais ou menos, 1950 até 1956. Fui casada com um integrante do grupo que agora costuma ser chamado como os historiadores marxistas britânicos; e fui amiga ou conhecida dos outros, alguns dos quais ainda são amigos próximos. Os organizadores me pediram para fazer uma breve apresentação, e estou contente de fazê-la. Entretanto, este é um artigo do tipo testemunho oral, em grande medida organizado a partir da minha memória, já que todos os meus papéis, e os de Edward, estão agora na Biblioteca Bodleian Oxford, onde ainda estão sendo catalogados. Como historiadora, sei perfeitamente que memórias pessoais são uma das fontes menos confiáveis de informações precisas sobre eventos históricos. Por isso, o que ofereço aqui são as memórias pessoais e comentários de uma velha mulher. Vou dividir meus comentários em dois tópicos mais ou menos separados. Primeiro, quero falar um pouco sobre o grupo dos historiadores e alguns de seus membros. Em seguida gostaria de falar sobre o que considero ser o principal assunto desta conferência, isto é, a forma pela qual um diálogo — e até certo ponto um conflito — com as Ciências Sociais que estavam em desenvolvimento nos anos 40 e 50 do século XX ajudou a moldar o tipo de história que começou a ser escrito no pós-guerra e nas décadas subsequentes.

¹ Dorothy Thompson é membro da Royal Historical Society. Lecionou História Moderna Britânica na Universidade de Birmingham entre 1968 e 1988 e foi eleita para uma cadeira no Instituto para Pesquisa Avançada em Artes e Ciências Sociais, onde se aposentou.

² Texto apresentado em conferência proferida no Congresso Making Social Movements. The British Marxist Historians and the Study of Social Movements, de 26 a 28 de junho de 2002, em Edge Hill College of Higher Education, Ormskirk, England.

Talvez eu deva me apresentar dizendo que, apesar de ter sido companheira de Edward — e algumas vezes sua colaboradora — ao longo de meio século, não me vejo como uma “guardiã da chama” ou como porta-voz póstuma dele. Me perguntam sobre o que ele pensaria a respeito de vários acontecimentos e escritos, mas essas são questões que não tenho a pretensão de responder. No que concerne ao legado de idéias de Edward, devemos buscá-las no seu trabalho e no trabalho de seus estudantes e colaboradores, dos quais sou apenas uma. Talvez esta também seja uma oportunidade para responder outra pergunta que me fazem: Quando haverá uma biografia de Edward? Um número considerável de pessoas me pergunta sobre uma biografia, e a minha resposta é sempre que eu não posso impedir alguém de escrever uma, mas não vou permitir o uso de qualquer material protegido por direitos autorais que venha de papéis da família dele ou de outras famílias. Isso porque considero que biografias imediatas, especialmente de escritores, são uma forma perniciosa de publicação. Os próprios trabalhos de Edward ainda estão sendo publicados e são a melhor maneira de conhecê-lo. As políticas do movimento pacifista e os complicados eventos na Europa Oriental só poderão ser desenredados quando todos os lados disponibilizarem as fontes. Mais informações sobre aspectos destas questões estão sendo continuamente disponibilizadas. Haverá muito tempo para um relato completo da vida de Edward, se isso ainda for considerado importante, ao encerrar-se o quinquagésimo ano da moratória dos arquivos.

Olhando a lista dos participantes deste congresso, volto a ter algumas das sensações que senti quando fui convidada, como comentadora externa, do que acabou sendo um congresso de africanistas althusserianos. Não sou uma teórica e não quero me envolver neste nível da discussão. Meus interesses estão na filosofia e em examinar hipóteses históricas, e não em buscar uma grande teoria. Alguns de vocês terão lido o único livro teórico de Edward (*A Miséria da Teoria*.)³ Ele costumava dizer que trabalhava dentro de uma tradição marxista, ao invés de se descrever como “um marxista”. Eu imagino que vários participantes aqui estarão nesta posição, embora outros, indubitavelmente, estarão em busca da grande teoria.

³ THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. (N. Trad.)

O GRUPO DE HISTORIADORES DO PARTIDO COMUNISTA

O Partido Comunista (PC) realizou um amplo trabalho de recrutamento para suas fileiras durante a Segunda Guerra, concentrando-se principalmente nas universidades e faculdades. Publicações como *Our Time*, *Seven*, *Arena*, *Poetry To-day*, *Theatre To-day*, *Modern Quarterly*, entre outras, aceitavam escritos críticos e criativos. Jornais semanais e o *Daily Worker* possuíam animadas páginas de arte. Havia muitos lugares para publicar artigos curtos e razoavelmente populares. Entre os meus primeiros trabalhos históricos publicados havia um sobre a poesia cartista, que saiu no *Our Time* em 1948, para comemorar o centenário das revoluções de 1848; outro, sobre Feargus O'Connor, saiu no *Irish Democrat*, naquele tempo uma publicação do PC, ou quase isso. Um grupo de escritores foi formado e depois um grupo de historiadores. Eram grupos dirigidos pelo comitê cultural do partido, sob a coordenação do temível Emil Burns. O grupo dos historiadores, até onde sei, não estava sob o tipo de controle cerrado que acabou levando o grupo dos escritores à dissolução. Creio que a liberdade do grupo dos historiadores se deveu, em grande parte, ao fato de que uma das figuras de destaque era Dona Torr, membro de longa data e amiga da maioria dos líderes do partido (inclusive de Pollitt⁴), assim como organizadora e tradutora de várias edições inglesas da obra de Marx e Engels. Ela não era, porém, uma pensadora estreita ou sectária; não era uma dos que ela mesma chamava de Os talmudistas, que queriam conduzir cada discussão através de referências aos textos sagrados de Marx e Engels. Dona Torr era uma pensadora vivaz e criativa, com um amplo conhecimento de história, além de música e literatura européias. Quando Edward e eu a conhecemos, ela estava trabalhando numa biografia de Thomas Mann, cujo primeiro volume só foi publicado em 1956. Dona era uma maravilhosa especialista e imensamente generosa com seu tempo. Ela leu e comentou o trabalho de Edward sobre William Morris enquanto ele o escrevia. Como ele disse no prefácio:

Da concepção deste livro até a sua conclusão, Dona Torr me ofereceu seu estímulo, sua amizade e suas críticas. Diversas

⁴ DARWIN, C. *A Origem das espécies*, publicado originalmente em Londres, por John Murray, 1859

vezes deixava de lado seu próprio trabalho para responder perguntas ou ler versões do meu material; até o ponto que eu senti que partes do livro não eram tanto minhas; eram mais uma colaboração na qual suas idéias-guia eram a parte principal. Foi um privilégio e um aprendizado estar associado tão de perto a uma estudiosa comunista tão versátil, tão distinguida e tão generosa com seus dons.⁵

Ela foi uma boa amiga de muitos dos historiadores do PC, nos seus diferentes ramos. Tendíamos a nos encontrar de acordo com o período que estudávamos, mas a amizade de Dona e nossas próprias amizades nos levavam a encontros informais, além das reuniões do grupo. Enfatizo isso porque há uma tendência a igualar o Grupo de Historiadores do PC aos historiadores marxistas britânicos, ou seja, a dois ou três escritores destacados, que eram membros do partido nesse momento. Entretanto, o interessante do grupo — e uma das razões de sua tamanha contribuição à escrita da história nas décadas depois da guerra — era que ele era formado por um grande conjunto de membros regulares que compartilhavam um interesse pela história, mas que de nenhum modo eram todos historiadores profissionais. Além de professores de faculdades e universitários, havia professores de escola, bibliotecários, ativistas e dirigentes sindicais, organizadores do partido, jornalistas e algumas pessoas, incluindo mulheres casadas com filhos pequenos, que não tinham emprego. De fato, essa foi uma das maneiras pela qual consegui não só manter-me em dia com as leituras históricas mas também fazer um pouco de pesquisa enquanto meus filhos eram pequenos. Isso é importante porque ajudou a criar uma atmosfera e um campo de assuntos que produziram o tipo de história desenvolvida no trabalho posterior de alguns dos seus membros.

Aqueles que fundiram a idéia dos “grandes marxistas britânicos” com o grupo dos historiadores do PC perderam de vista muitas das qualidades que o grupo deu aos seus membros; qualidades que contribuíram, de modo amplo, para a escrita da história no pós-guerra. Os membros do grupo consistiam em número bastante grande de pessoas que escreviam história mas

⁵ THOMPSON, E. P. *William Morris: romantic to revolutionary*. New York: Pantheon, 1978.

que não entraram no cânone de Harvey Kaye⁶— gente como Henry Collins, George Tate, Royden Harrison, Harold Silver, Peter Cadogan, Bridget Hill, Marion Ramelson, Robin Page Arnot, Julie Jacobs, e outras tantas (que não me lembro agora), mas cujos trabalhos são familiares aos historiadores do trabalho e dos sindicatos. Tommy (T. A.) Jackson e Leslie (A. L. Morton)⁷, escritores veteranos, apareciam de vez em quando. Seus trabalhos foram muito influentes para o resto de nós. Betty Grant, que até onde eu sei nunca publicou livros, editou *Our History*, um periódico pioneiro no registro de evidências orais. Foi a partir de uma contribuição para esse periódico que eu me interessei (e também Edward) em registrar algumas das reminiscências das pessoas mais velhas de West Riding, onde vivíamos naquele tempo. Com vistas a escrever uma história do Partido Comunista da Grã-Bretanha, as escolas residenciais tiveram a grande virtude de incluir ativistas partidários de todos os níveis, assim como Jack Cohen e James Klugman, do departamento de educação do partido. Então, creio que devemos lembrar o grupo como uma organização politicamente ativa que, de várias maneiras, dava retorno de suas descobertas e de suas energias ao partido e às publicações partidárias, e também como um ponto de partida para alguns dos principais historiadores da geração pós-1956. Foi por acaso que, em um de seus encontros, em 1956, eu falei em deixar o partido pela primeira vez. Por um certo tempo, depois da publicação do relatório Krushev, nós, os dissidentes, pensamos que talvez pudéssemos reorganizar o Partido Comunista da Grã Bretanha —

⁶ KAYE, H. J. *The british marxist historians: an introductory analysis*. Cambridge: Polity, 1984. (N. Trad.)

⁷ O historiador marxista Arthur Leslie Morton (1903-1987) fez parte do grupo de intelectuais comunistas britânicos nos anos de 1930. Publicou, em 1938, *A people's history of England*, Cf. MORTON, L. M. *A people's history of England*. London: Lawrence & Wishart, 1989. Thomas Alfred Jackson (1879-1955) foi um intelectual e militante socialista radical. Entre outros, publicou *Ireland her own: an outline history of the Irish struggle for national freedom and independence*, Cf. JACKSON, T. A. *Ireland her own: an outline history of the Irish struggle for national freedom and independence*. London: Cobbett Press, 1947 e sua autobiografia intitulada *Solo Trumpet: some memories of socialist agitation and propaganda*, Cf. JACSON, T. A. *Solo Trumpet: some memories of socialist agitation and propaganda*. London: Lawrence & Wishart, 1953, além de outros estudos sobre evolucionismo e socialismo científico. (N. Trad.)

talvez na mesma direção eurocomunista que os italianos tomavam. Fiz uma intervenção na reunião do grupo, em que James Klugman era o orador, insinuando que alguns de nós estavam “reconsiderando” suas fichas de filiação com outros olhos. Edward havia ido ao encontro do Comitê Distrital de Yorkshire, que se reunia no mesmo dia. Com medo de ter ido longe demais na minha sugestão de deixar o partido, liguei para ele depois da sessão. Ele próprio havia feito a mesma sugestão no comitê distrital. A rigidez e a inconsciência a respeito da importância do discurso de Krushev e suas conseqüências eram demasiado óbvias nas atitudes de James Klugman e dos dirigentes do comitê central que visitaram o distrito de Yorkshire. Olhando agora, o comitê de Yorkshire e o grupo dos historiadores eram muito mais flexíveis e menos dogmáticos que a maioria das outras organizações com as quais tínhamos algo a ver, e provavelmente foram a razão da nossa permanência no partido por tanto tempo. A grande maioria do grupo dos historiadores deixou mesmo o partido logo depois daquela reunião — alguns de nós por causa de toda a questão da publicação do *Reasoner*⁸; outros, como Christopher Hill e Peter Cadogan, depois de uma tentativa de conseguir uma resolução reformista no congresso no começo do ano seguinte... Deixamos o partido porque sua liderança — que em muitos casos teve muito mais conhecimento dos acontecimentos na União Soviética que a maioria de nós — não estava preparada para se dissociar de suas atitudes prévias. E nem para abrir caminho para uma nova geração, que estaria preparada para tentar estabelecer um movimento socialista europeu, capaz de se distanciar de uma aceitação acrítica das ações da União Soviética sem por isso aderir ao lado anti-soviético da Guerra Fria (e sem tampouco abandonar os ideais do socialismo mundial.) Naquela época, muitos — provavelmente a maioria de nós — ainda nos considerávamos marxistas. Alguns participavam de algum dos vários grupos trotskistas ou maoístas, outros, do Partido Trabalhista, ou

⁸ Jornal mimeografado por Edward Thompson e John Saville, o *Reasoner* foi pensado como um espaço para debater a crise partidária, já que a livre discussão interna estava impedida; sua grande repercussão fez com que ambos fossem suspensos, e terminassem decidindo deixar o partido. Ver FORTES, A.; NEGRO, A. L.; FONTES, P. Peculiaridades de E. P. Thompson. In: NEGRO, A. L., SILVA, S. (Org.). *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2001. p. 38-39. (N. Trad.)

permaneciam independentes. Por um lado, podíamos simpatizar com o fato de que alguns dos sindicalistas se sentiam incapazes de deixar o PC, ou de trabalhar sem o apoio da organização partidária, e até certo ponto entendê-los. Mas ao mesmo tempo, muitos de nós sentimos na época, e eu com certeza ainda sinto, que, para os intelectuais, ficar no partido sem reformas, aceitando as decepções envolvidas com toda a recepção e a discussão do discurso de Krushev e, mais tarde naquele ano, tendo também de aceitar a supressão soviética da revolta democrática na Hungria, era uma clássica *trahison des clercs*. Talvez seja útil notar que a Campanha pelo Desarmamento Nuclear (CND — depois Desarmamento Nuclear Europeu - END) contava com ex-filiados do Partido Comunista, incluindo muitos historiadores, entre seus fundadores e organizadores, e que o Partido Comunista da Grã-Bretanha (PCGB) continuou sabotando os esforços para que as campanhas contra as armas nucleares assumissem uma postura crítica em relação ao armamentismo de larga escala dos dois lados. Uma ilustração puramente anedótica desta questão é o caso de um velho amigo e colega — um historiador do trabalho — que ficou no partido. Ele vinha a todas as reuniões em West Midlands em que eu falava, se levantava, e me acusava de ser anti-soviética, argumentando que as armas atômicas estavam seguras nas mãos dos trabalhadores — o bom e velho argumento da bomba dos trabalhadores. Sua fé nas políticas atômicas soviéticas foi finalmente destruída com a catástrofe de Chernobyl. Lembro-me dele chorando no meu estúdio pela grosseira traição do sistema ao povo trabalhador evidenciado naquele episódio. Até George Matthews, secretário do PC quando os dissidentes e os resignatários estavam tratando de defender nossa posição (naquela época, se ele tivesse algum tipo de poder, certamente nos teria eliminado de cena), escreveu um cartão por volta de 1990 dizendo simplesmente: Vocês estavam certos, eu estava errado.

Estou entrando nesse assunto de modo tão extenso porque acho que é importante entender a natureza do rompimento de 1956, e seu efeito no grupo dos historiadores. Dona Torr, como é sabido, morreu em 1956. Lembro que fui ignorada por Betty English, uma leal intelectual do PC, ao visitar Dona no hospital. Antes de morrer, ela havia estado confusa por um certo tempo; por isso não acho que entendesse o que estava acontecendo. Creio que só uma pessoa do seu círculo mais próximo ficou no PC depois de 1956, e ela teve motivos históricos muito particulares para sua lealdade. Um dos que ficou mandou ao *New Reasoner* um lindo

cheque, quando a execução de Imre Nagy foi anunciada.⁹ O rompimento de 1956 não foi simplesmente um assunto de diferenças de táticas. Muitos de nós, que havíamos atuado em outras áreas além da nossa seção no partido — em contato com o movimento pacifista, por exemplo, ou com algumas atividades sindicais —, já estávamos em conflito com sua organização central por muitos anos. O discurso de Krushev e a reação da liderança do PCGB a ele (bem como ao levante húngaro) levaram a uma rejeição absoluta do centralismo democrático e da liderança do PC britânico, que empregara o sistema para permanecer no controle. Essa gente continuou a endossar acriticamente cada ação da União Soviética, muitas vezes mentindo, conseguindo conter e sufocar qualquer discussão dessas questões vitais entre os membros. Sabemos agora que, apesar de suas muitas negativas, eles aceitaram dinheiro e outros materiais de apoio diretamente de Moscou.

O Grupo de Historiadores do Partido Comunista, portanto, era um grupo de comunistas de muitos e diversos antecedentes e ocupações. De algumas maneiras, o grupo correspondia ao arquétipo do intelectual e das organizações políticas que foram ativos por todo o mundo entre a geração que havia crescido à sombra da Grande Guerra (1914-1918), que viveu os anos do crescimento do fascismo e da resistência dos movimentos de Frente Popular e que lutou na Segunda Guerra Mundial.

HISTÓRIA SOCIAL E MOVIMENTOS SOCIAIS

Assim como é um equívoco ver o grupo dos historiadores como uma vanguarda intelectual de meia dúzia de figuras, também há o risco de considerar o desenvolvimento da escrita histórica que ocorreu nas décadas do pós-guerra de modo estreito e limitado.

A brigada dos estudos culturais por alguma razão decidiu que Edward era um inglês contrário à expansão imperialista de seu país. Mas o que poderia ser mais próximo a esse antiimperialismo que a afirmação de Bill Schwarz, em 1982:

⁹ Um dos símbolos do dissenso comunista, Imre Nagy, liderou o afastamento húngaro da União Soviética, num breve governo interrompido pela invasão do Exército Vermelho e seu assassinato em novembro de 1956. (N. Trad.)

Quero argumentar... que a historiografia que surgiu do Grupo dos Historiadores do PC retrabalhou de modo decisivo nossa noção de passado (tanto que hoje em dia, para muitos, isso parece ser uma idéia corriqueiramente dominante.¹⁰

De fato, Edward e outros historiadores (dentro e fora do cânone) foram parte de um fenômeno — ou talvez deveríamos falar movimento? — que foi muito além dos membros do grupo ou dos canais da academia britânica... Fernand Braudel escrevendo sobre a civilização do Mediterrâneo enquanto era prisioneiro de guerra, Gene Genovese reexaminando a história do Sul dos Estados Unidos e Hans Medick definindo a noção de sociedade proto-industrial eram apenas uns dentre os muitos historiadores criativos e estimulantes do período. As datas de publicação são enganosas já que, entre historiadores, a direção da pesquisa é normalmente conhecida bem antes da publicação. Como notou Eric Hobsbawm a nova historiografia tinha sido profundamente influenciada por Marx, mesmo quando não aceitava todo o vocabulário e categorias do marxismo tradicional, e era um fenômeno mundial. A Escola dos Annales na França e seu periódico (*Annales ESC*), o trabalho literário/histórico de Lukács e sua escola, o trabalho nos Estados Unidos de historiadores como Genovese, Montgomery e Gutman, estavam — todos — sendo lidos nos anos 50 e 60 do século XX. Há, então, um movimento internacional de idéias a ser considerado, que decorre mais da experiência de uma geração do que do trabalho de um pequeno grupo.

Na Grã-Bretanha, talvez tenha sido igualmente marcante a experiência de muitos dos escritores com a educação de adultos. Em parte, foi um acidente da Guerra Fria que radicais e comunistas, em particular, tenham enfrentado dificuldades para conseguir trabalho nas universidades e faculdades. Era também o caso de que muitos não o queriam — vendo as velhas universidades como mesquinhas e socialmente elitistas. Quando escrevi um rascunho desta apresentação, encontrei, por um motivo totalmente diverso, uma conferência de Edward, de 1968, chamada Educação e

¹⁰ SCHWARZ, B. The people' in history: the communist party historians' group, 1946-56. In: *Making histories: studies in history-writing and politics*. Edited by Richard Johnson. London: Hutchinson, 1982.

Experiência.¹¹ Ele argumenta algumas das coisas que eu estou dizendo, por isso cito suas palavras sobre o trabalho com estudantes adultos:

O que é diferente sobre o estudante adulto é a experiência que ele traz ao relacionamento. Essa diferença modifica, algumas vezes sutilmente, e outras vezes mais radicalmente, todo o processo educativo: ela influencia os métodos de ensino, a seleção e a maturação dos professores, o programa; pode até mostrar lugares frágeis ou lacunas nas disciplinas acadêmicas reconhecidas e levar à elaboração de novas áreas de estudo.

Minha própria disciplina, a história social, proporciona abundantes exemplos disso. Muitos dos historiadores sociais mais destacados deste século — R. H. Tawney, G. D. H. Cole, H. L. Beales, o professor Asa Briggs — foram conhecidos por seus laços com os movimentos de educação de adultos. Áreas de estudo negligenciadas por muito tempo (em alguns lugares, até hoje) na universidade e escolas de história foram investigadas por muitas décadas em aulas universitárias de reforço. E ainda hoje pode-se ver novas ramificações da História Social: na história local, na arqueologia industrial, na história das relações industriais e nos estudos culturais contemporâneos, área em que Richard Hoggart foi pioneiro. As iniciativas em relação a elas muitas vezes vêm 'de baixo', das aulas para adultos e do professor auxiliar, e não das escolas acadêmicas.

A Formação da Classe Operária Inglesa e meu próprio trabalho sobre o cartismo se baseiam no esforço despendido em aulas para adultos no West Riding. Muito da pesquisa foi realizado nos anos anteriores à publicação dos livros e foi testado junto a esse público. O trabalho de alguns dos membros e ex-membros do Grupo de Historiadores do PC estava baseado na experiência da Europa no período da guerra — e também, em alguns casos, da Índia e do Oriente Médio —, no intercâmbio de idéias com estudantes adultos

¹¹ Este texto pode ser encontrado, em português, na coletânea *Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária*, resenhada neste mesmo número por Leonardo Afonso de Miranda Pereira. Ver: THOMPSON, E. P. *Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2002. (N. Trad.)

no exército, assim como com organizações civis e também com o ensino convencional, de vários tipos.

O outro elemento principal nas novas idéias e sua apresentação foi a interação com as demais Ciências Sociais em desenvolvimento. O pessoal dos *Annales* havia argumentado que outras Ciências Sociais, além da Economia, possuíam dimensões que podiam enriquecer o estudo da história. Por um lado, disciplinas como a Antropologia Social e a Demografia eram áreas de estudo em expansão; por outro, certos tipos de disciplinas rigidamente “científicas”, especialmente as de caráter estatístico, eram vistas como desumanizadoras do estudo da sociedade. Trabalhar em assuntos históricos em algumas universidades estadunidenses nos anos 70 do século XX (em Pittsburgh, por exemplo), era uma acirrada luta com áridas generalizações estatísticas. (Nos anos 90 do século XX, porém, nos encontramos com alguns dos estatísticos do mesmo lado das barricadas ao defender a história contra os pós-modernistas.)

O diálogo e a interação com outras disciplinas enriqueceu o estudo da história, mas não modificou as outras disciplinas. Nos anos 50 e 60 do século XX, alguns praticantes das Ciências Sociais — em particular da sociologia — viam a si mesmos como tendo que fazer o trabalho de “teorizar” os “fatos” estatísticos oferecidos pelos historiadores. Podemos discutir quão útil para os historiadores pode ser “teorizar”, mas há poucos historiadores que se vêem como lenhadores da madeira e extratores da água para a superior tarefa dos sociólogos. A batalha contra a teorização a-histórica da história foi um fenômeno mundial — Pierre Bourdieu estava travando uma solitária batalha contra os althusserianos nativos em Paris enquanto Edward fazia o mesmo na Inglaterra. A guerra de Herbert Gutman com *Time on the Cross* é legendaria.¹²

¹² Dorothy Thompson se refere à polêmica desatada quando o historiador do trabalho Herbert Gutman publicou *Slavery and the numbers game: a critique of time on the cross*, no qual questionou, com amplas evidências, os principais argumentos de Robert Fogel e Stanley Engerman em *Time on the cross: the economics of american negro slavery*. Nesta obra, os autores defendiam a eficácia econômica da escravidão no Sul dos Estados Unidos, atribuindo-a principalmente à colaboração dos próprios escravos, Cf. GUTMAN, H. *Slavery and the numbers game: a critique of time on the cross*. Urbana: Univ. of Illinois, 1975; FOGEL, R., ENGERMAN, S. *Time on the cross: the economics of american negro slavery*. Boston: Little; Toronto: Brown, 1974.

Por acaso, quando Gene Genovese veio falar no meu seminário em Birmingham, algumas pessoas dos estudos culturais (que nunca antes haviam ido a um seminário de história social) vieram ouvi-lo e um deles iniciou a discussão do seu artigo dizendo: Claro que você nunca suja as mãos com teoria. Foi a única vez que eu vi Gene sem palavras... Isso foi em um tempo em que livros como *Roll Jordan Roll* e *O Mundo que os Senhores de Escravos Fizeram* eram seus trabalhos mais conhecidos.¹³

Os historiadores da minha geração estavam, eles próprios, envolvidos nos movimentos sociais, quisessem ou não. Servir durante a guerra trouxe contatos e experiência muito mais amplos do que os acadêmicos de hoje podem esperar. Note-se que os principais movimentos de massas, na última metade do século XX, incluíram muitos historiadores que assumiram o papel de intelectuais participantes — A. J. P. Taylor foi um fundador e líder ativo do primeiro CND, Asa Briggs foi presidente nacional da Associação Educacional dos Trabalhadores, Pat Hollis foi um membro de destaque do conselho da cidade de Norwich e é agora uma porta-voz de primeira linha do Partido Trabalhista na Câmara dos Lordes, e esses são apenas três de muitos mais.

É discutível se os anos passados nos arquivos e o estudo da história fazem ou não dos historiadores bons candidatos para cargos de liderança em assuntos públicos, mas, de qualquer todo, podemos afirmar que pessoas como as três que eu mencionei, e como Edward, acreditam o suficiente na importância da ação e da escolha humanas para doar parte de suas vidas a campanhas públicas.

Tradução Cristiana Schettini Pereira

Revisão técnica da tradução Antonio Luigi Negro

¹³ GENOVESE, E. *A terra prometida: o mundo que os escravos criaram*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. [Tradução de: *Roll Jordan Roll: the world the slaves made*, New York, Pantheon, 1972]; GENOVESE, E. *O mundo dos senhores de escravos: dois ensaios de interpretação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. [Tradução de: *The world the slaveholders made: two essays in interpretation*, New York, Random, 1971].

MAKING SOCIAL MOVEMENTS

ABSTRACT

This is a Conference delivered in the Congress Making Social Movements. The British Marxist Historians and the Study of Social Movements, in which Dorothy Thompson narrates her own experience as part of the group of historians who joined the British Communist Party in the post-war period. It is addressed both the historiography this group have produced and the conflictive dialogues it engaged with the social sciences at the time.

KEYWORDS

Marxism; Social History; Communism; Social movements



GILBERTO, [Gilberto Pereira], xilogravura. Exposição Mundos do Trabalho. Acervo do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (MAUC), Fortaleza, CE, 2002.